



VII SEMANA  
**TEOLÓGICA**  
TEMA: “MEDELLÍN 50 ANOS:  
MEMÓRIA, PROFECIA E PERSPECTIVAS”  
DATA: 22 a 26 de Outubro de 2018



## TEOLOGIA DO “AVESSO DA HISTÓRIA”: UMA INTERPRETAÇÃO A PARTIR DO FAZER TEOLÓGICO DE GUSTAVO GUTIÉRREZ

José Alves Paiva Junior<sup>1</sup>

### RESUMO

A premente urgência de libertação ante a realidade de opressão no continente latino-americano implicou, de certa forma, o surgimento de um movimento teológico novo, a chamada Teologia da Libertação (TdL). O presente estudo tem como objetivo apresentar uma interpretação desse novo jeito de fazer teologia que tem como “fato maior” o “avesso da história”, segundo a perspectiva do teólogo peruano Gustavo Gutiérrez. A metodologia versa sobre uma hermenêutica que prioriza leituras de textos, especialmente, a obra *Teologia da Libertação* de Gutiérrez, bem como apropria-se de formulações e ideias congêneres acerca do fazer teológico na América Latina. A Teologia da Libertação, ou a formulação da TdL na perspectiva de Gutiérrez, inaugura um novo campo epistemológico que, por sua vez assume a história como lugar teológico, porém não a história dos anais, mas a história dos vencidos, fazendo-se, portanto, uma teologia que tem o avesso da história como seu ponto de partida. Em última instância, este estudo quer salientar a novidade da Teologia da Libertação como novo modo de fazer teologia e a relação dessa teologia com a história da fé cristã na história dos vencidos.

**Palavras-Chave:** América Latina. Pobre. Teologia da Libertação.

### INTRODUÇÃO

A urgência da práxis de libertação no continente latino-americano deu-se antes mesmo da elaboração da Teologia da Libertação (TdL) enquanto uma teologia crítica dos processos de estruturação social, econômica, política, eclesial e de si mesma à luz da fé. Fato é que a realidade latino-americana marcada pela exploração massiva do povo pobre e ao mesmo tempo religiosos levou o despertar da consciência de grupos e movimentos sociais e do compromisso com a transformação da realidade antes mesmo de se elaborar uma reflexão sistemática sobre sofrimento, resistência, lutas à luz da fé e da parcialidade de Deus pelos pobres, fracos, humilhados, excluídos, os que constituem o “avesso da história”.

Diante da pertinência da urgência de libertação ante uma realidade de opressão, nota-se que as diversas elaborações da teologia, neste ambiente,

---

<sup>1</sup> Licenciado em Filosofia - UERN e Bacharel em Teologia - FDM. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Bolsista da CAPES. Contato: [paivajunior19@gmail.com](mailto:paivajunior19@gmail.com)

## TEOLOGIA DO “AVESSO DA HISTÓRIA”: UMA INTERPRETAÇÃO A PARTIR DO FAZER

indicam, de certa forma, um movimento teológico novo. Por esta razão, o objetivo desse estudo busca apresentar uma interpretação desse novo jeito de fazer teologia que tem como “fato maior” o “avesso da história”, segundo a perspectiva do teólogo peruano Gustavo Gutiérrez. Para tanto, a metodologia versa sobre uma hermenêutica que prioriza leituras de textos, apropriando-se de formulações e ideias congêneres e de novas inferências acerca do fazer teológico na América Latina.

Procura-se, com isso, traçar um caminho que busca delinear a compreensão de que a Teologia da Libertação, ou a formulação de teologia na perspectiva de Gutiérrez, inaugura um novo campo epistemológico que, por sua vez assume a história como lugar teológico, porém não a história dos anais, mas a história dos vencidos, fazendo-se, portanto, uma teologia que tem o avesso da história como ponto de partida.

Em última instância, o estudo quer salientar a novidade da Teologia da Libertação como novo modo de fazer teologia, e a relação dessa teologia com a história da fé cristã com a história que a história não conta, a saber, dos pobres e dos não reconhecidos.

## 1 O SURGIMENTO DE UM NOVO CAMPO EPISTEMOLÓGICO

É próprio da história que ao longo dos séculos determinadas rupturas epistemológicas sejam realizadas. Nos primeiros séculos da história do cristianismo, por exemplo, a teologia era primordialmente sapiencial. Mais tarde, dadas as exigências do contexto tempo e lugar, a teologia assume um caráter mais sistemático como saber racional, modo pelo qual a teologia torna compreensível as verdades da fé. A partir dos anos setenta do século vinte, principalmente na América Latina, o cristianismo confronta-se com a necessidade de compromisso na transformação social, sobretudo, dos oprimidos.<sup>2</sup>

Deve-se a Gustavo Gutiérrez a primeira obra sistemática de reflexão crítica a partir da práxis histórica da libertação em confronto com a palavra de Deus, acolhida e vivenciada na fé. Conforme Gutiérrez, boa parte da teologia contemporânea tomou como ponto de partida ou, numa linguagem sobriniana, como “fato maior” para a teologia a grande preocupação levantada a partir do advento da modernidade, a saber, “Como anunciar Deus em um mundo que se fez adulto?”.

---

<sup>2</sup> Cf., BOFF, *Op. cit.*, 1989, p. 531.

## TEOLOGIA DO “AVESSO DA HISTÓRIA”: UMA INTERPRETAÇÃO A PARTIR DO FAZER

Como se nota, a preocupação gira em torno do “não-crente” fruto do mundo tornado adulto, da secularização etc. Todavia, para Gutiérrez, no continente latino-americano a preocupação é outra, não gira em torno do “não-crente”, até porque o continente latino americano é cristão, mas, sim, da categoria da “não pessoa” no continente cristão, o ser humano que é totalmente invisibilizado pela ordem social vigente.<sup>3</sup>

Essa categoria questiona não só o mundo religioso, uma vez que constata que a realidade que gerou a “não pessoa” é marcada pela fé cristã, mas sobretudo, questiona e confronta as estruturas econômicas, sociais, políticas e culturais de um “mundo desumanizante” com o apelo à transformação dessa realidade. Nesse sentido, para Gutiérrez, a questão epistemológica não é “como falar de Deus em um mundo adulto, e sim como anunciá-lo como Pai em um mundo não-humano. [...] como falar de Deus a partir do sofrimento do inocente?”<sup>4</sup>

Diante desse contexto, o teólogo peruano entende que viver e pensar a fé (não como atos distintos) implica realizar uma teologia da história, uma teologia da práxis humana e de sua transformação social. Em última instância, a TdL nasce com esta pretensão. Nesse horizonte, *Teologia da Libertação: perspectivas*, é considerada a primeira obra de Gutiérrez quem tem notável representatividade no que diz respeito a compreensão e método da TdL. Com efeito, o grande mérito de Gutiérrez em *Teologia da Libertação: perspectivas* no tocante a criação de um novo campo epistemológico foi ter formulado, consciente e criticamente, a concepção de que a reflexão teológica na América Latina

[...] seria, então, necessariamente, uma crítica da sociedade e da Igreja enquanto convocadas e interpeladas pela palavra de Deus; uma teoria crítica, à luz da Palavra aceita na fé, animada por uma intenção prática, e, portanto, indissolivelmente unida à práxis histórica.<sup>5</sup>

Só assim a teologia não será um discurso ingênuo, mas lúcido e crítico em relação aos condicionamentos sociais, políticos, econômicos e culturais da vida e da própria comunidade cristã. Não considerar esses aspectos é, conforme Gutiérrez,

<sup>3</sup> GUTIÉRREZ, G. **A verdade vos libertará**: confrontos. ed. 3. São Paulo: Loyola, 2000a, p. 21-22.

<sup>4</sup> GUTIÉRREZ, G. *Op. cit.*, 2000, p. 22.

<sup>5</sup> GUTIÉRREZ, G. **Teologia da Libertação**: perspectivas. São Paulo: Loyola, 2000b, p. 68.



## TEOLOGIA DO “AVESSO DA HISTÓRIA”: UMA INTERPRETAÇÃO A PARTIR DO FAZER

“enganar-se e enganar aos outros”.<sup>6</sup> O surgimento desse novo campo epistemológico inaugura uma nova forma de fazer teologia: um fazer teológico a partir da práxis transformadora, como crítica às estruturas de opressão e eclesiais bem como a própria práxis de libertação. Inaugura, por assim dizer, um novo horizonte a partir do qual todas as coisas são iluminadas à luz da libertação querida por Deus ao longo da história da salvação.

Por esta razão, a TdL é para Gutiérrez mais do que um tema da teologia como os que proliferaram na Europa, por exemplo, teologia do laicato, teologia do trabalho, teologia das realidades terrestres. A TdL constitui-se como “uma nova maneira de fazer teologia”:<sup>7</sup> um fazer teológico comprometido com a libertação, com a práxis transformadora que trata de abolir a situação de injustiça em que vivem os povos latino-americanos e construção de uma sociedade de mulheres e homens novos.

### 1.1 O método e a perspectiva do pobre na teologia de Gutiérrez

A nova forma de reflexão teológica criada por Gutiérrez estrutura-se em duas colunas: método e a perspectiva do pobre. O método, caracteriza-se pelo primado da práxis<sup>8</sup>. Com efeito, para explicitar seu método, Gutiérrez faz uma distinção entre dois momentos chamados: ato primeiro (primado da práxis) e ato segundo (a práxis a ser inteligida e refletida pela reflexão teológica).<sup>9</sup>

Há, nesse sentido, uma intrínseca relação entre vida cristã e método teológico como um dos fatores decisivos para que possa fazer teologia à luz do mistério de Deus, seguindo os passos de Jesus. Por esta razão, Gutiérrez costumava dizer com plena convicção: “Nossa metodologia é nossa espiritualidade”.<sup>10</sup>

<sup>6</sup> GUTIÉRREZ, G. *Op. cit.*, 2000b, p. 22.

<sup>7</sup> GUTIÉRREZ, G. *Op. cit.*, 2000b, p. 87.

<sup>8</sup> Embora o método seja caracterizado primordialmente pela práxis, é válido ressaltar que não há em *Teologia da Libertação, perspectivas* uma formulação precisa e rigorosa do conceito de práxis. Com efeito, Gutiérrez destaca três aspectos que caracterizam a práxis: diz respeito ao caráter ativo e transformador da fé cristã; a que diz respeito tanto à contemplação quanto à ação; a concepção que que abrange tanto a práxis eclesial quanto a práxis histórica total. (AQUINO JUNIOR, Francisco. **A teologia como inteligência do reinado de Deus**: o método da teologia da libertação segundo Ignacio Ellacuría. São Paulo: Loyola, 2010, p. 52).

<sup>9</sup> GUTIÉRREZ, G. *Teología de la Liberación*, p. 81; *Hablar de Dios desde el sufrimiento del inocente. Una reflexión sobre el libro de Job*, Salamanca, Sígueme, 1986, p. 17 *apud* AQUINO JUNIOR, *Op. Cit.*, 2010, p. 51.

<sup>10</sup> GUTIÉRREZ, G. *Op. cit.*, 2000a, p. 18.

## TEOLOGIA DO “AVESSO DA HISTÓRIA”: UMA INTERPRETAÇÃO A PARTIR DO FAZER

A perspectiva do pobre é a marca característica da teologia de Gutiérrez e ao mesmo tempo a marca distintiva das teologias europeias, principalmente a francesa, que também tinha a práxis como primado da teologia. Com efeito, a perspectiva do pobre na concepção de Gutiérrez é o que “concretiza e determina a práxis que a TdL procura refletir criticamente, assim como a reflexão crítica que ela procura fazer de qualquer práxis histórica”.<sup>11</sup> A perspectiva do pobre é, em última instância, o ponto de partida da sua teologia, pressuposto para o que fazer teológico que tem o “reverso da história” como sua base fundamental.

Convém ressaltar que quando Gutiérrez fala na perspectiva do pobre, não está se reportando a um conceito especulativo, abstrato. Ao contrário, refere-se às classes exploradas, raças marginalizadas, culturas desprezadas, que o levou a fazer uma ligação com o pobre no sentido bíblico. Dizendo ele que “o pobre aparecia como chave para a compreensão do sentido da libertação e da revelação do Deus que liberta”.<sup>12</sup> Ao se ter o entendimento de que a teologia é uma reflexão a partir da práxis, no caso da TdL, esta reflexão se refere à libertação dos oprimidos desse mundo.

## 2 A HISTÓRIA COMO LUGAR TEOLÓGICO

Para que a TdL possa cumprir sem restrições a sua função crítica da práxis eclesial enquanto tarefa assumida como novo campo epistemológico, é imprescindível que assuma a história como lugar teológico, do contrário, a sua crítica não passaria de mero sociologismo.

É comum que nos espaços de formação acadêmica se fale com uma certa frequência em lugar teológico. Todavia, nem sempre é evidente a real compreensão que se tem a respeito desse lugar, sobretudo quando se trata de conceber a história como lugar teológico. Tomar a história como lugar teológico impõe uma tarefa à teologia, um novo paradigma epistemológico que conheça a relação que há entre a salvação e o processo histórico de libertação do homem.

A teologia de Gutiérrez ao realizar a ruptura epistemológica, assume a história com suas ambiguidades, luzes e trevas como lugar teológico, pensa a fé em contato com as angústias do povo oprimido, em contato com suas esperanças e a

---

<sup>11</sup> AQUINO JUNIOR, *Op. Cit.*, 2010, p. 55.

<sup>12</sup> GUTIÉRREZ, G. **A força histórica dos pobres**. Petrópolis: Vozes, 1981, p. 293.

## TEOLOGIA DO “AVESSO DA HISTÓRIA”: UMA INTERPRETAÇÃO A PARTIR DO FAZER

partir de suas lutas por libertação. Com efeito, a história como lugar teológico é conflitiva, é paradoxal, pois a mesma história onde Deus se revela, onde se encontra e se anuncia o amor do Pai, portanto lugar por excelência do encontro dos seres humanos com Deus e Jesus Cristo, é igualmente lugar marcado pela opressão, pela injustiça e inumanidade.

Diante do contexto histórico vivido de pobreza e opressão, Gutiérrez faz um comparativo da realidade com a verdade bíblica, e vê que Deus se revela no “reverso da história”. Se é assim, será sempre necessário recuperar a memória dos vencidos que ficou esquecida nos anais da história oficial. Para tanto, a história precisa “ser lida a partir do pobre, na perspectiva dos vencidos, de suas lutas, resistências e esperanças”.<sup>13</sup> No esforço de recuperar essa memória/história, o pobre emerge não apenas como objeto a ser inteligido e refletido pela teologia. O pobre e sua libertação se tornam lugar teológico, lugar de fala de Deus.

### 3 TEOLOGIA A PARTIR DO REVERSO DA HISTÓRIA

A teologia de Gutiérrez constitui-se, nestes termos, como uma teologia “do avesso da história” ou do “reverso da história”. Sobre o assunto, complementa uma citação do próprio Gutiérrez: “[...] nas últimas décadas, a vida e a reflexão da Igreja no contexto latino-americano estão marcadas pelo que podemos chamar a *irrupção dos pobres*; ou seja, aqueles que até agora estavam ‘ausentes’ da história se fazem pouco a pouco ‘presentes’”.<sup>14</sup> Aqueles que foram esquecidos na história oficial, se fazem agora pouco a pouco presentes.

Na realidade latino-americana marcada pela pobreza que, conforme descrita no Documento de Puebla é “o mais devastador e humilhante flagelo”,<sup>15</sup> a *irrupção dos pobres* se coloca como fato que desafia a teologia a uma nova pré-compreensão e conseqüentemente novas respostas. Por isso, conforme entende Gutiérrez, o fazer teológico nesse contexto pressupõe a oposição e denúncia “as causas da injustiça e opressão em que vive o povo pobre da América Latina”<sup>16</sup>. Os pobres constituem um mundo e a pobreza significa morte, o que é incompatível com

<sup>13</sup> BITTENCOURT, Neusa Regina Carneiro. **A teologia a partir do reverso da história**: uma interpretação do modo de fazer teologia de Gustavo Gutiérrez. Porto Alegre, 2012, p. 64-65.

<sup>14</sup> GUTIÉRREZ, G. *Op. cit.*, 2000a, p. 22-23.

<sup>15</sup> PUEBLA, n. 29 *apud* GUTIÉRREZ, G. *Op. cit.*, 2000a, p. 24.

<sup>16</sup> GUTIÉRREZ, G. *Op. cit.*, 2000a, p. 24.

## TEOLOGIA DO “AVESSO DA HISTÓRIA”: UMA INTERPRETAÇÃO A PARTIR DO FAZER

o Evangelho, e igualmente incompatível com a ampla defesa da vida pelo cristianismo.

Evidentemente que não se pode reduzir o pobre apenas a categoria econômica e política, mas também não se pode negar que a vida do pobre é marcada pela “[...] situação de fome e de exploração, de atenção insuficiente à saúde, de falta de moradia decente, de difícil acesso à educação escolar, de salários baixos e de desemprego, de lutas por seus direitos, de repressão.”<sup>17</sup> Por esta razão, se a teologia é como disse Gutiérrez “uma reflexão a partir da práxis (ato segundo) e sobre a própria práxis”, é preciso ter clareza que não se trata de qualquer práxis, mas da “práxis de libertação dos oprimidos deste mundo [...]”. Nesse sentido, é igualmente necessário “considerar o sujeito histórico dessa práxis: os ausentes da história”<sup>18</sup> os que constituem a grande massa do avesso da história.

Todavia, é válido ressaltar que, por esta opção, a TdL conforme esboçada por Gutiérrez, não é simplesmente ou, em última análise, uma teologia da práxis. É sim uma teologia feita a partir do avesso da história, “em vista de libertação dos ‘Cristos açoitados das índias’.”<sup>19</sup> Uma teologia profundamente comprometida em responder a cabal pergunta: como falar de Deus a partir do sofrimento humano? Nesse sentido, a TdL constitui-se, em última instância, como “uma teologia da práxis de libertação”.<sup>20</sup> Implica ruptura com o mundo opressor e suas causas.

Libertar é dar vida, e a vida significa comunhão com Deus e com os outros. Essa vida, com efeito, é celebrada na Eucaristia, ponto de partida e de chegada da comunidade cristã, portanto, tarefa primordial da comunidade eclesial.<sup>21</sup> Desse modo, a TdL, torna-se, de fato, uma nova forma de ser Igreja apontando de maneira viva e eficaz a relação existente entre libertação e salvação, o que evidencia a realização do reinado de Deus na história.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ante as diversas elaborações da teologia na América Latina, a obra do teólogo Gustavo Gutiérrez, intitulada *Teologia da Libertação - perspectivas*, traz uma compreensão da TdL que tem como base fundamental a periferia, os excluídos, os

<sup>17</sup> GUTIÉRREZ, G. *Op. cit.*, 2000a, p. 25.

<sup>18</sup> GUTIÉRREZ, G. *Op. cit.*, 1981, p. 294.

<sup>19</sup> GUTIÉRREZ, G. *Op. cit.*, 2000b, p. 55.

<sup>20</sup> GUTIÉRREZ, G. *Op. cit.*, 2000a, p. 55.

<sup>21</sup> Cf., GUTIÉRREZ, G. *Op. cit.*, 2000a, p. 27-32.

## TEOLOGIA DO “AVESSO DA HISTÓRIA”: UMA INTERPRETAÇÃO A PARTIR DO FAZER

vencidos do Terceiro Mundo. Tal compreensão teológica pressupõe tanto a recuperação da história como lugar teológico e de libertação quanto o “avesso da história” como “fato maior” para o fazer teológico, inaugurando, com isso, um novo campo epistemológico, uma nova maneira de fazer teologia.

Em princípio, Teologia da Libertação a partir do “avesso da história”, tal como concebe Gustavo Gutiérrez, pode ser definida como uma experiência espiritual que se traduz como reflexão sobre a fé enquanto práxis de libertação. Noutras palavras, a reflexão sobre e a partir da práxis de libertação que, por sua vez, está sustentada em uma experiência espiritual fundamental, a saber, o descobrimento do rosto de Jesus Cristo nas maiorias pobres e oprimidas do continente latino-americano.<sup>22</sup>

Em termos de relevância para os dias de hoje, pode-se dizer que a TdL, mesmo que não tenha a mesma força e visibilidade que teve nas décadas de setenta e oitenta do século vinte, permanece atual e viva. Afinal, segundo o próprio Gutiérrez quando questionado sobre o fim da Teologia da Libertação, responde: “até pode desaparecer, quando não houver mais pobreza no mundo!”. Enquanto houver pobreza no mundo haverá a urgência de que a teologia faça-se libertadora como resposta adequada a um mundo de pobres e empobrecidos.

## REFERÊNCIAS

AQUINO JUNIOR, Francisco de. **A teologia como intelecção do reinado de Deus: o método da teologia da libertação segundo Ignacio Ellacuría**. São Paulo: Loyola, 2010.

BITTENCOURT, Neusa Regina Carneiro. **A teologia a partir do reverso da história: uma interpretação do modo de fazer teologia de Gustavo Gutiérrez**. Porto Alegre, 2012.

BOFF, Leonardo. La originalidad de la Teología de la Liberación em Gustavo Gutiérrez. **Revista Eclesiástica Brasileira**, n. 48, p. 531-543, 1989.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **A verdade vos libertará: confrontos**. ed. 3. São Paulo: Loyola, 2000a.

\_\_\_\_\_. **Teologia da Libertação: perspectivas**. São Paulo: Loyola, 2000b.

\_\_\_\_\_. **A força histórica dos pobres**. Petrópolis: Vozes, 1981.

<sup>22</sup> Cf., GUTIÉRREZ, G. *Op. cit.*, 2000a, p. 27-32.

